

M 219
RN 311

RUBEM BRAGA

COM DESENHO DE CARLOS THIRÉ

Viagens

CM 24.3.53

Confesso que eu andava pensando numas viagens ... É bom, pegar um navio ou um avião e dar um giro por aí — descansar um pouco do Brasil, de seu crônico desgoverno; descansar um pouco do Rio, do trânsito enrascado, de todos esses problemas, esse desconforto do povo, principalmente dessas caras importantes que a gente vê todo dia nos jornais discutindo, opinando, espalhando tédio. Descansar da gente mesmo, que vai emburrecendo demais por causa de tudo isso — porque uma viagem é uma espécie de "dribbling" que uma pessoa passa em si mesma.

Nas outras cidades do mundo também há problemas, também há gente racete, também há tédio. Mas o viajante não tem nada com isso, vai passando, olhando as coisas, de alma limpa, nova, indiferente. E além disso quantas pessoas tão queridas estão espalhadas por este mundo, e como seria bom vê-las, como seria doce o momento de sentar com uma delas na mesinha de um bar — em Paris, em Washington, em Lisboa, em Bruxelas, em Roma ... — e ouvir a voz amiga, ver os olhos, a cara amiga, saber coisas, dizer coisas, no estrangeiro a pessoa amiga é mais amiga, cada um tem mais necessidade de ternura brasileira, há menos interferência, mais suave entendimento. Mas contra esses sonhos vagabundos há uma realidade vil: o dólar subindo. Não sei o que foi que inventaram esses senhores do governo, mas positivamente eles não se conduziram bem comigo. Fiquei no Brasil e agora estou preso, amarrado pelos nós desse câmbio vilíssimo. Há o remédio de escrever cartas — mas as cartas não dizem nada, as cartas têm uma voz falsa, neutra, sem intimidade nem calor. Carta não é remédio para curar nada, é apenas aspirina que mal atenua a dor da saudade, carta é uma pastilha barbitúrica. Barbitúrica! Duvido que alguém me mostre uma outra palavra mais feia na língua portuguesa. Barbitúrica! Sento-me para escrever uma carta a uma pessoa querida e de repente me aparece essa palavra, como uma pequenina mulher barbuda que sofre de ácido úrico, e com voz esganiçada, a fazer caretas, me diz: eu sou a barbitúrica, eu sou a barbitúrica!

É melhor não escrever carta nenhuma, não comprar nenhum dólar e gastar os cruzeiros dando um passeio a Paquetá, jardim de afetos, pombal de amôres.